

VISITA PRESIDENCIAL À GUINÉ-BISSAU

LUTA JUSTA CONDUZIDA PÉLO PAIGC CONTRIBUIU PARA A VITÓRIA EM MOÇAMBIQUE

- Presidente Samora Machel na terra natal de Amílcar Cabral

BISSAU, 9 — O terceiro dia da visita da delegação moçambicana à Guiné-Bissau foi preenchida por uma deslocação ao leste do país, região de Bafatá, terra natal de Amílcar Cabral, fundador e primeiro Secretário do PAIGC. Esta visita não estava prevista no programa oficial distribuído à Informação moçambicana. Surgiu, da necessidade de todos poderem estar, durante algumas horas, no local onde nasceu Amílcar Cabral.

Eram cerca das 11.30 horas quando o avião presidencial aterrou no aeroporto de Bafatá. Muito antes, populações enquadradas pelos Comités de Bairro e de Local de Trabalho do PAIGC aguardavam a chegada da delegação moçambicana.

O Presidente Samora Machel e os membros da comitiva foram alvo de uma grandiosa manifestação popular. A população de toda a região mobilizou-se para receber o dirigente moçambicano.

Depois de apresentadas as honras militares, os Presidentes Samora Machel e Luís Cabral, tomaram lugar num «Jeep» aberto e dirigiram-se ao Palácio do Governo provincial, acamados por milhares de pessoas que transportavam ceticos e cartazes adesivos a amizade e solidariedade militante entre os dois povos irmãos da Guiné-Bissau e de Moçambique. Nas suas danças tradicionais, a população de Bafatá dispensou uma calorosa recepção aos visitantes.

No átrio do Palácio do Governo provincial, Samora Machel dirigiu-se aos presentes, depois da apresentação feita pelo Presidente Luís Cabral, começando por salientar a contribuição dada pelo PAIGC e pelo povo da Guiné-Bissau à luta de Libertação Nacional para a libertação do seu território e de toda a África.

HOMENAGEM AO PAIGC

O Presidente moçambicano referiu-se depois ao significado da visita da nossa delegação à região de Bafatá, dizendo:

«Nós viemos aqui, de longe, para prestarmos homenagem ao PAIGC, para prestarmos homenagem ao povo da Guiné pela grande contribuição que deu ao povo de Moçambique, porque consentistes o sacrifício, incluindo a vossa própria vida, para que o povo de Moçambique fosse livre, assim como o povo de Angola. Para que os povos de S. Tomé, de Cabo Verde e de todas as colónias portuguesas fossem livres. Porque consentistes sacrifícios.»

É por isso que nos viemos para rendermos homenagem ao grande Partido PAIGC. Para dizermos ao Presidente da República da Guiné-Bissau, «muito obrigado» por ter sabido conduzir o seu povo a consentir sacrifícios que contribuíram largamente para que o povo de Moçambique fosse o que é hoje: Um povo livre e soberano, cujo Estado vai-se empenhar no seu desenvolvimento, para liquidar a miséria».

Mais adiante, acrescentou: «É por isso que dizemos que a luta do PAIGC não foi somente a luta do povo da Guiné. É uma contribuição directa para o povo de Moçambique. Liquidando-se o colonialismo na Guiné, liquidava-se também o colonialismo em Moçambique. Quando caiu o colonialismo na Guiné, caiu também o colonialismo em Moçambique, e os nossos povos ficaram livres e, agora, vão decidir os seus destinos e a via que querem seguir para o seu desenvolvimento.»

Seguidamente, para a população de Bafatá, o Presidente Samora Machel referiu-se à

necessidade de se executarem tarefas de reconstrução nacional que mais rapidamente permitam afastar do nosso seio a fome, a nudez e a miséria, dizendo:

«Agora, nós vencemos o colonialismo. Há uma tarefa central agora. É a de dançar, cantar, porque através da canção, através da música, do teatro, construímos a nossa personalidade. Mas a nossa personalidade não é somente palavras. É o trabalho. Isso está escrito numa palavra do Orden. O Progresso está na Bandeira da República. Está no escudo da Bandeira da República da Guiné: Unidade, Luta e Progresso. A luta não parou. A luta continua. Primeiro contra as sequelas do colonialismo. Havia assimilação aqui, não havia? Em Moçambique há muitos assimilados indígenas. Aqueles que querem substituir os portugueses na forma e no espírito. Esses são os «tugas». São os pequenos «tugas».

Mais adiante, ainda a propósito dos assimilados disse:

«São pequenos destacamentos que foram criados e deixados nos nossos países, no seio do povo, para provocar distúrbios, e impedirem os progressos alcançados pelo povo. São eles que consideram o povo «massa anónima». Massa que não presta, que é incapaz de exercer o Poder. Por isso dizemos sempre em Moçambique que «A Luta Continua», contra os antigos PIDES.

Não tinham PIDES aqui?

— Aqueles que vendem informações, os que recebiam uma lata de sardinhas para denunciar a presença das Forças do PAIGC? (Isso significa denunciar a Força organizada do Povo), por causa de uma lata de sardinhas, por causa de um copo de vinho. Porque foi recebido em casa do patrão, do «tuga»; porque foi considerado assimilado e o suficiente

para denunciar o braço armado do povo, para impedir o progresso da luta e para impedir o progresso e a criação da Nova Sociedade; a Nova Mentalidade que existe, a nova maneira de pensar e ver o mundo.

COM TRABALHO LIQUIDAREMOS A FOME

«S. brevemente o vosso país e vimos que está na miséria... é verdade ou não? Onde vai tirar a miséria? O povo? Mas há dois tipos de pessoas entre o povo. Eles dizem: «este PAIGC é maluco. Tirou os portugueses que tinham bom negócio aqui, tudo estava bem organizado. Eles não podem administrar isto. Este povo não tem disciplina. A sua disciplina é o medo. O povo que não tem medo não respeita os assimilados. Estes elementos confundem a disciplina com o medo. Confundem a Organização, o povo organizado com o povo disperso, com o povo dividido.»

Desde Bissau, temos assistido a manifestações populares, manifestações de solidariedade, manifestações conscientes de que o povo organiza-se espontaneamente para festejar a sua vitória. E essa vitória tem em Moçambique amor por ter sido criada pelo povo da Guiné, que contribuiu, com o seu sangue derramado na luta contra o colonialismo. E essa gota de sangue derramado libertou uma zona em Moçambique. Essa gota de sangue derramado libertou uma zona em Angola, libertou Cabo Verde, libertou S. Tomé.

«Foi no percurso desse derramamento de sangue que as gotas foram-se juntando e formaram um grande lago, formaram um mar de sangue em que se afundaram os «lugas» que nunca mais aparecerão nos nossos países. E agora que estamos independentes, devemos nos apegar de novo aos sacrifícios. Não nos devemos entregar ao luxo, porque somos pobres e só com trabalho e que nós poderemos liquidar essa pobreza; só com trabalho é que liquidaremos a fome; só com trabalho é que liquidaremos a nudez; só com trabalho é que andaremos calçados.»

Sem trabalho não há riqueza. E o trabalho que produz a riqueza. A riqueza nasce das nossas mãos; nasce da materialização daquilo que nós pensamos; nasce do conhecimento das potencialidades do nosso País.

O vosso país é um grande produtor de arroz, de amendoim. Tem muitos rios e a riqueza também vem dos rios. Se for formos capazes de dominar os rios, liquidaremos a

miséria que vitima as populações da Guiné, as populações de Moçambique e as de Angola.

Para nós é uma grande honra o facto do PAIGC ter-nos trazido aqui aonde nasceu o nosso grande amigo, o nosso querido e grande dirigente africano, o grande revolucionário, camarada Amílcar Cabral.

No final do seu discurso o Presidente da FRELIMO afirmou:

«Agradecemos ao camarada Luís Cabral, porque ele soube encarnar a luta depois do assassinato do camarada Amílcar Cabral. Soube dirigir correctamente a luta, e conduziu-a sem desfalecimento; sem interesses pessoais. Soube assumir os interesses do povo da Guiné; soube interpretar as aspirações mais profundas do povo da Guiné. E por isso que aqui hoje são independentes.»

Gostariamos que as palavras que são formuladas pelo Presidente Luís Cabral fossem seguidas e estudadas cuidadosamente, para que possais sair da miséria como saistes do colonialismo.

«É esta a mensagem que nós trazemos do povo de Moçambique; é esta a mensagem que nós trazemos da FRELIMO; da República Popular de Moçambique para a República da Guiné, para o PAIGC e para o povo da Guiné. Para unirmo-nos contra a miséria, contra a fome, contra a nudez, em resumo, contra a exploração nos nossos países.»

EM BAMBADINÇA

Momentos depois, a comitiva moçambicana deslocou-se a Bambadinça, localidade situada a cerca de 30 quilómetros de Bafata onde foi recebida pelo responsável daquela região. Sempre aplaudido por milhares de pessoas, o Presidente Samora Machel assistiu a manifestações culturais e exercícios auto-comandados, executados por um grupo de jovens da escola de Bambadinça.

Luís Cabral apresentou o dirigente moçambicano tendo salientado o que foi a luta armada travada pela FRELIMO e quais as tarefas que se desenvolvem no nosso País para a reconstrução nacional. O dirigente guineense referiu-se também à opressão que é praticada em África por regimes minoritários racistas, legando os exemplos da África do Sul e da Rodésia. Luís Cabral reafirmou o apoio da Guiné-Bissau a Moçambique na ajuda aos combatentes do Zimbábue. Ao dirigir-se à po-

pulação de Bambadinça, Samora Machel referiu-se ao facto de aquela região ter sido um baluarte do exército colonial que foi destruído graças à luta desencadeada pelo PAIGC durante doze anos.

O Presidente moçambicano salientou ainda que só o trabalho libertará o homem e permitirá que este crie as condições necessárias para se reconstruir o país. A determinação do passo do seu discurso Samora Machel referiu-se à interdependência da luta dos povos da Guiné e Moçambique, afirmando:

«Não há máquinas aqui para transformar o algodão em pano, não há fábricas aqui para fabricar sapatos para todos terem sapatilhas e sapatos, não há fábricas aqui para construir o zinco, é ou não é? Donde isto virá? Das nossas mãos, organizadas pelo PAIGC! E pensamos que esta será a maior contribuição para Moçambique. Ao começarem a liquidar a fome aqui, no vosso país, significa que liquidam a fome em Moçambique. Se liquidarem a nudez como vemos nos vossos filhos, nus e descalços nas determinadas, estarão a liquidar a nudez em Moçambique. É uma contribuição que o povo da Guiné estará a dar ao povo de Moçambique como lá deu durante a luta de libertação nacional, a luta armada que exigia sacrifícios. Exigia mesmo a nossa vida. Era preciso que uma parte de nós oforecesse a sua vida para sermos o que somos hoje.»

Foram esses que transformaram toda a região da Guiné pelos seus corpos. Eram pontes para transportar a chama da liberdade. E a chama da liberdade devorou os colonialistas, queimou todos os colonialistas e hoje somos independentes.

Pensamos que só com este espírito é que podemos sair da nossa miséria. A miséria foi fabricada. É uma criação do colonialismo português. A nossa terra não é pobre. A Guiné é uma terra rica; só exige organização e planificação; só exige a definição do que devemos fazer em seis meses, em doze meses, em um ano e meio, em dez anos e daqui a quatro anos, o que é que nós queremos construir na Guiné. E quem está em condições de definir essas prioridades? Só o PAIGC. Sem o PAIGC o povo da Guiné não tem vida.

Nós queremos agradecer a

contribuição que a Guiné deu para a libertação de Moçambique. O povo que morreu, os filhos mais queridos do povo da Guiné, ofereceram as suas preciosas vidas pela libertação da Guiné, ofereceram-nas também pela libertação de Moçambique. E nos rendemos homenagem a esses combatentes que não duvidaram, não recusaram em oferecer as suas vidas para fazer aquilo que hoje são os nossos povos e os nossos países.

«E agora que estamos independentes estabelecemos uma nova estratégia para o nosso desenvolvimento, para atingirmos rapidamente os nossos objectivos que são o progresso, e a felicidade para os nossos povos. E assim construiremos uma nova África; assim, daremos a nossa contribuição para os outros povos que continuam dominados por minorias racistas que ainda subsistem no nosso continente.

Ainda existem povos em África que são dominados por estrangeiros e devemos unir as nossas forças organizadas pelo PAIGC, organizadas pela FRELIMO, para ajudarmos esses povos como o fez a Guiné-Conacri com o povo da Guiné-Bissau; como o fez o povo da Tanzânia com o povo da Moçambique; como o fez o povo da Zâmbia com o povo da Moçambique; como o fez o povo do Congo Brazzaville para com o MPLA, para com o povo de Angola. Agora é nossa tarefa essencial darmos uma contribuição para os outros povos serem aquilo que nós hoje somos».

FIM DA VISITA

Terminada a reunião popular na localidade de Bambadinca e depois da passagem pela região de Bafatá, a comitiva presidencial regressou a Bissau no fim da tarde.

O programa do terceiro dia de visita a Guiné-Bissau terminou com um encontro entre o Presidente Samora Machel e a juventude da capital organizada em torno da «Juventude Africana Amílcar Cabral». Nesta reunião Samora Machel referiu-se ao papel que cabe ao estudante na fase actual do processo revolucionário e aquilo que era o ensino no tempo colonial — ensino que era privilégio de uma minoria — A necessidade de combate ao elitismo e a droga, a necessidade da formação de uma Sociedade Nova, foram outros dos pontos focados pelo Presidente Samora Machel na reunião que teve com a juventude de Bissau.

«A escola, disse a terminar o Presidente da FRELIMO, é um direito fundamental de cada cidadão».

Terminou assim o terceiro dia de visita da delegação moçambicana chefiada pelo Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Mósés Machel à Guiné-Bissau.

Entretanto a delegação moçambicana partiu já para Cabo Verde onde se encontra neste momento. Segundo informações recolhidas pela informação que acompanhava a comitiva presidencial, o tempo de estada em Cabo Verde será aproximadamente de um dia e meio.

Após a visita a este país a comitiva presidencial deslocar-se-á à Guiné-Conacri, regressando depois a Maputo.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-06-10)